

17-06-2019

VIVER NO DILÚVIO - o desafio do pensamento - Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente
da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Em Goiânia-GO um moço jovem de família simples, no grupo de *Zapp* da família, pela manhã, fotografou a sua primeira obra matinal, o próprio cocô, e, com intenção humorada, enviou-a ao grupo. Um casal de namorado, branco, feliz e com pose de artista de cinema, postou-se com charme no campo de concentração de Auschwitz-Polônia para uma selfie; no enterro de Nelson Mandela-África do Sul, Obama - Estados Unidos, irritando Michelle Obama, universalizou a *Selfie* com gargalhada charmosa junto à presidente da Dinamarca.

Selfies, memes, hashtag, twitter, facebook, instagan, hiperlink, big-data, blogger, branding, buffer, chat, clickbait, linkedin, crowdfunding - e tantos meios, formatos e gêneros são documentos de uma nova linguagem e de um novo modo de pensar e sentir.

Há um postulado que, com frequência, é repetido em vários contextos humanos: só nos resta a linguagem. Diante da precariedade da vida; da fragilidade da carne; da iminência da morte; do que não se controla, por exemplo, as articulações secretas entre os órgãos; e também diante das determinações sociais que criam uma vida tóxica - vale repetir - só nos resta a linguagem. Temos a linguagem para mover, protestar e amar.

De Barthes a Foucault; de Umberto Eco a Certeau; de Drummond a Arnaldo Antunes ou a Caetano Veloso, o veredito se faz justo: falamos com tudo que nos é possível, com o rosto de acolhimento ou de indiferença; com os gestos ansiosos ou serenos; com os passos apressados ou comedidos; com a voz rouca ou íngreme; com sussurros ou com arrogância. Falamos em solilóquio nos silêncios cheios de medo ou corajosos; com a roupa vermelha na passeata contra o fascismo ou com a camisa verde-e-amarelo favorável à simulação de um nacionalismo de armas. O dizer nos consta e nos faz: ao dizer chegamos ao Outro e, assim, junto a Ele nos constituímos. ...Só nos resta a linguagem...!!

Mediante a linguagem colocamos o pensamento para vasculhar as situações e dirimi-las; podemos dirimir também o nosso lugar no mundo e acender a bússola necessária para clarear os rumos da própria voz, da utopia, das paixões. Mas como dizer-pensar ou pensar-dizer em meio ao dilúvio de informações?

A pergunta pode ser a mesma feita de outra forma: como encadear o raciocínio e pensar com solidez em meio à massa de informações dispersas, muitas vezes inúteis,

comandadas por vícios, impulsos, obsessões?

A proliferação das redes, ao se juntar à força de novas maneiras de mapeamento, com a ação direta dos satélites, das mídias eletrônicas e dos bancos de dados, conforme tem sido analisado pelo geógrafo Milton Santos (1996), encadeia uma nova opressão: por um lado situam-se o domínio da acumulação financeirizada e um volume incalculável de capitais percorrendo os fluxos da hiper mobilidade contemporânea; por outro lado, constitui-se um dilúvio de informações logrando um profundo atravessamento nos territórios, nos lugares e nos sujeitos. A aceleração dos fluxos; a volatilidade da informação, a dispersão e a fragmentação dos signos cortam a mente, fazem estremecer a cognição, a memória, a sensibilidade. Cria-se um mundo de ruídos profusos e descontrolados. O que vem como impulso torna-se compulsão. A torrente de signos faz o sujeito atolar-se num mundo esquizofrênico levando-o à perda de significação. Em muitos casos, uma informação sobre outra, enviesada, aglutinada, pouco refletida, constitui um deslocamento do sujeito nele mesmo e, daí, leva-o a cisões internas, à banalização da vida. E do Outro.

...Só nos resta a linguagem!!!

O mundo dos tutoriais e da biblioteca infinita; dos vetores, dos sites e dos blogs permitem também o alargamento da informação; o complemento de conteúdo para se educar, pesquisar, como é o nosso blog que educa, informa, convoca, politiza a saúde do trabalhador. Permitem também melhores condições de intercâmbios, assim como maior capacidade de se organizar sem a presença do corpo.

Mas, como avaliou o psicanalista Jorge Forbes, a presença tem uma força porque ela gera afeto, veicula a linguagem teatral e dramática do gesto. A presença é musical porque se faz com o sabor da voz e do cheiro. Sob o dilúvio de informação é que hoje o pensamento-linguagem age. É provável que a força criativa, crítica e utópica do sujeito necessite de referências, serenidade e permanências. Sem referências e estabilidade seremos nós mesmos agentes da própria carência - e da própria fratura. Por isso, olhar o universo da experiência do sujeito no espaço contemporâneo requisita observar o espectro de informação, os ruídos, as capturas, os aliciamentos, o fundamentalismo viciante das redes. Como dizia o filósofo e ensaísta Peter Pelbart, hoje não se mercantiliza apenas coisas, objetos, terras, mas modos de vida. Mercantiliza-se o inconsciente do sujeito, o seu corpo, a sua atenção.

Mercantiliza-se o tempo, e sabemos, a subjugação da vida ocorre sempre subjugando o tempo. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.